

Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 24 — TELEFONE 59
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO II — N.º 54 — Domingo, 20 de Junho de 1954

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

LEIA

“CARA ALEGRE”

A melhor revista de humorismo que se edita em Portugal

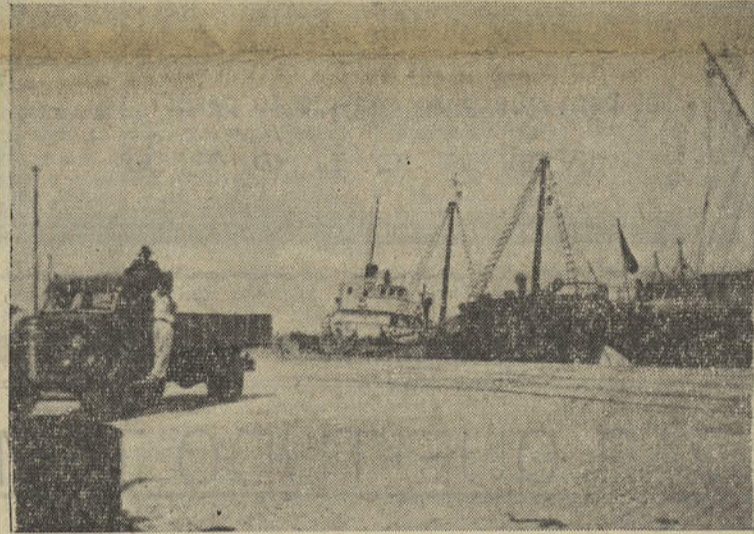
AVENÇA

SERÁ UM ACTO DE ELEMENTAR JUSTIÇA O RESTABELECIMENTO DA JUNTA AUTÓNOMA DO PORTO DE VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Viana do Castelo, Aveiro e Figueira da Foz têm Juntas Autónomas, e estes três portos reunidos não chegam a registar metade do movimento da navegação do porto de Vila Real de Santo António.

ENTENDEMOS que uma acção dispersiva não é vantajosa; mas entendemos também que a centralização tem consequências nefastas, porque imprudente, esmaga, anula aquilo que naturalmente devia viver, produzir e prosperar. Isto é dos livros, é do bom senso, é do trivial raciocínio humano. Não damos pois novidade nenhuma. Apenas queremos lembrar o que às vezes parece ter sido esquecido. Isto vem a propósito do nosso porto. A sua «anexação» causou-nos prejuízos, prejudicou o Algarve e prejudicou a economia do País.

Tivemos, em tempos, a nossa Junta Autónoma, graças aos rendimentos da qual se fez tudo o que está feito na margem do Guadiana. E o que está feito é um porto, incompleto é certo, mas prestando grandes serviços à economia do Sotaventado do Algarve. Um dia «anexaram-nos», ligando o nosso destino a destinos que não nos interessavam, nem interessavam à economia regional. E, a partir de então, os rendimentos do nosso porto, que deviam ser gastos, como é justíssimo, em seu benefício, foram-se dispersando sem vantagem palpável para ninguém. Calcule-se um riçaco a atirar mancheias de dólares — a moeda agora em moda — para uma multidão! Ninguém ficará rico, e o Cresco acabará teso,



como se diz na expressiva linguagem dos rapazinhos pretensiosos. Ora, foi isto precisamente o que se deu com a extinção da nossa Junta Autónoma. Ninguém parece ter aproveitado grande coisa — a não ser a fa-

O MONUMENTO

EM SAGRES

ao Infante D. Henrique

FOI deliberado, em reunião do Conselho de Ministros, que, entre as homenagens a prestar à memória do Infante D. Henrique, em 1960, se incluía a construção de um monumento em Sagres.

Há mais de duas dezenas de anos que este acto de justiça à memória do fundador da Escola de Sagres prende a atenção dos poderes públicos, pois, segundo referia há dias, o «Diário de Notícias», foi em Junho de 1933 que se nomeou a Comissão que procederia aos estudos necessários. Depois de 21 anos de estudos — completados no passado dia 16 — é de crer que esta aspiração do Algarve, que tem merecido o maior interesse à nossa Casa Regional em Lisboa, não deixará de transformar-se em grata realidade.

ma e um que outro cais para ir lavar os pés à costa — porque as nossas mighalhas também não enchem barriga a ninguém. Mas ficaram-nos a fazer muita falta.

Como se esta centralização prejudicial não chegasse para deliberadamente prejudicar o nosso porto, certo dia, um individuo em-

(CONCLUÍ NA 6.ª PAGINA)

Mais aplausos

à criação da Escola

Técnica desta vila

O NOSSO prezado colega «Diário do Alentejo», a quem os problemas da nossa província têm merecido sempre a maior simpatia, inseriu na sua «Carta do Algarve» a local que pedimos vênua para transcrever e que constitui, sem dúvida, mais um aplauso, a juntar a tantos outros de quase toda a Imprensa do País, à criação da nossa Escola Técnica:

«Sob este título e outros idênticos, tem o semanário «Notícias do Algarve», que se publica em Vila Real de Santo António, sob a direcção do sr. João Adelino Dias Pena, defendido com justeza de critério e brilhantismo, no que tem sido secundado por toda a Imprensa, a criação na vila pomalinal de uma escola técnica, campanha que desde início obteve o melhor acolhimento da parte das entidades superiores e que certamente será coroada de êxito num futuro próximo.

Ao mesmo tempo, Portimão, Loulé e Tavira reivindicam para si tal melhoramento no panorama do ensino secundário que, nesta província, está ainda bastante incompleto, alegando cada uma razões de peso, dignas de ponderação.

Contudo, quanto a nós, e isto

(CONCLUÍ NA 6.ª PAGINA)

VALORES ECONÓMICOS DA PROVÍNCIA

A AMÊNDOA DO ALGARVE

EM CONFRONTO COM A AMÊNDOA

DO NORTE DO PAÍS

Pelo Dr. A. DE SOUSA PONTES

AINDA que pese aos brios dos algarvios, parece que chegou a ocasião de lhes dizer que o nosso Algarve está em vésperas de ser ultrapassado, como produtor de amêndoas, pelas zonas mais frias do Douro e de Trás-os-Montes, como o demonstra a seguinte estatística de exportação registada pela Junta Nacional das Frutas.

Deve acrescentar-se ainda que a amêndoa do Norte, por ser mais grada e menos redonda é a preferida pelas confeitarias para fabrico da amêndoa tipo francês.

Vejam, pois, quais foram, em 1953, os valores de exportação das amêndoas do Sul e Norte:

Tipos Comerciais de Amêndoas exportadas	ALGARVE			NORTE DO PAÍS		
	Cantos	Toneladas	Valor/Kg.	Cantos	Toneladas	Valor/Kg.
AMÊNDOA EM MIOLO						
Extra	2.012	81	24\$84	17.343	815	21\$16
Seleccionado	7.095	307	23\$11	2.802	132	21\$25
Corrente	58.946	2.787	21\$15	40.546	2.172	18\$67
Geminado	354	21	15\$91	870	49	17\$86
Partido	595	30	13\$17	1.618	102	15\$86
Despelado			\$	356	16	22\$25
Amargo	69	4	17\$25	348	23	15\$13
Sub-totais:	68.851	3.230	21\$32	65.885	3.509	19\$31
AMÊNDOA EM CASCA						
Côca	4.167	470	8\$87			\$
Molar	369	48	7\$69	134	20	6\$70
Dura	199	52	6\$22	1.032	233	4\$45
Sub-totais:	4.735	550	8\$61	1.166	253	4\$61
Totais gerais:	73.586	5.780	19\$47	65.049	3.562	18\$26

UMA SUGESTÃO DE INTERESSE REGIONAL

UM MUSEU DE ARTISTAS

ESCRITORES E POETAS

QUE PODIA SER CRIADO NO ALGARVE

Por JULIANO QUINTINHA

OS MUSEUS e bibliotecas nunca são demasiados para educação e cultura do Povo. Lembrei-me, há tempo, de que um belo e original museu podia ser criado no Algarve, que muito honraria a nossa Província, e seria até exemplo a outras terras portuguesas que tem descuidado museus da espécie que passo a referir.

Trata-se do «Museu de Artistas, Escritores e Poetas Algarvios», que poderia, muito bem, ser instalado em Faro, capital da Província onde nasceram, visto não ser possível fundar para cada um deles esse museu na sua própria terra natal.

Ali se guardariam colecções dos seus livros e manuscritos, dos seus retratos, pinturas, desenhos, gravuras, e todas as lembranças sentimentais relacionadas com a sua vida, os jornais e revistas onde colaboraram e lhe fizeram referências, recordações relativas às respectivas famílias — tudo que tem interesse num memorial desta natureza.

Começaríamos pelos mortos — Estácio da Veiga, João Baptista Lopes, João de Deus, Coelho de Carvalho, Lorjô Tavares, Teixeira Gomes, Lutgarda de Caires, Ataíde de Oliveira, João Lúcio, Bernardo de Passos, Xavier de Paiva, Adelino Lobo, Cândido Guerreiro, António Santos, Boaventura Passos, José Dias Sancho e Pedro Júdice. Não esqueceríamos os músicos, artistas teatrais, pintores, escultores, escritores, poetas, oradores, jornalistas, antigos, modernos, ilustres, modestos. E os vivos também ali teriam o

ACTIVIDADES DA

CASA DO ALGARVE

SUBORDINADO ao tema «Regionalismo algarvio e os grandes problemas do Algarve», preferiu, ontem, o sr. Dr. Délio Nobre Santos, ilustre professor da Faculdade de Letras de Lisboa, e nosso comprouviano, uma conferência na Casa do Algarve em Lisboa.

(CONCLUÍ NA 6.ª PAGINA)

seu lugar, sendo vasta a lista a organizar.

É fácil concluir quanto seria apreciável, como fonte de cultura, um documentário evocativo desta espécie, e o que representaria como demonstração da evolução do espírito e pensamento algarvios e seu contributo para a vida intelectual portuguesa. Simultaneamente, este memorial não deixaria de atrair turistas, pela sua origi-

nalidade, pois não conhecemos semelhante no país.

Maneira de o realizar? Conjugar o esforço, a inteligência e a vontade de escritores e artistas

(CONCLUÍ NA 6.ª PAGINA)

PARA SI

SÓROR SAUDADE

Por JOCELYNE PINTO

Minha Irmã

PEÇO-LHE que me perdõe o conteúdo desta carta, que lhe há-de parecer estranho e um tanto obscuro. Sei que não me conhece, ou melhor, que ignora totalmente a minha existência, embora tanta e tanta vez tenha sido minha companheira de viagem, ali, sentada naquele banco em que eu a observo curiosa e sem malícia. Imagine que temos chegado até a viajar no mesmo eléctrico, de manhã, quando vai visitar os seus enfermos, e à tarde, quando transporta o seu saquinho negro onde leva as esmolas que lhe dão para os seus pobres. Isto é, de facto, admirável, sobretudo se pensarmos que vivemos numa grande capital e somos praticamente desconhecidos uma da outra. Mas nada disto lhe pode interessar. Não é verdade? Nem era disto que lhe queria falar, hoje, pelo menos.

Ocorre-me agora o que lhe disse há pouco: que costumava observá-la, ali, sentadinha no seu banco. Quer saber porque? Creia, minha Irmã, porque a admiro. E não lhe parece exagerado o que digo. Sim, na verdade admiro-a não só pelas suas maneiras modestas e sem afectação como principalmente

(CONCLUÍ NA 6.ª PAGINA)

PALAVRAS DE SIMPATIA

FESTEJAR o aniversário de qualquer empreendimento útil à colectividade, é dever de todos aqueles que, nestes tempos avaros e cubiçosos, ainda vivem iluminados por uma réstoa de sol que não deixa apagar de todos os grandes ideais da humanidade.

Comemorou o jornal «Notícias do Algarve», o primeiro ano da sua existência. E, assim, como é de esperar, todos aqueles que sabem quão difícil é materializar

J. CARVALHO E REGO

É COM o maior prazer que damos hoje à estampa as «Palavras de simpatia» de um amigo do nosso jornal, José de Carvalho e Rego, que, muito gentilmente, nos promete a sua colaboração.

J. Carvalho e Rego, alto funcionário em Macau, aonde deve regressar em Setembro, é, além de escritor distinto, servido por brilhante inteligência e vasta cultura, um erudito e paciente investigador e estudioso dos povos e costumes orientais, tendo publicado diversos livros e artigos sobre a China e o Japão, bem como estudos de grande interesse sobre a antiga influência portuguesa no Oriente.

Agradecendo a Carvalho e Rego as suas palavras de simpatia, confessamos-nos penhorados pela amizade com que nos distinguiu.

(CONCLUÍ NA 6.ª PAGINA)



MONTE GORDO

HÁ duas fases distintas nesta praia, das melhores do sul de Portugal: a Monte Gordo moderna, de vivendas elegantes, bons arruamentos, com o seu Casino de linhas sóbrias e modernas, e o encanto do seu mar, a espreguiçar-se no fino tapete dourado da praia — e a Monte Gordo humilde, a aldeia de pescadores, que se eclipsa durante a época balnear, para não perturbar com notas discrepantes a amenidade do cartaz turístico. Os poveiros, os lobos-do-mar da Nazaré e tantos outros, têm o seu lugar na primeira fase do cartaz, com as suas camisolas garridas e os barcos de proas caprichosas; o pescador de Monte Gordo es-

conde-se no seu reverso. Este reverso, representado pelas cabanas de colmo que ainda enxameiam os lugares menos expostos da povoação, são uma curiosa reminiscência do Monte Gordo de mil e quinhentos. Estas cabanas, de alinhamento irregular eram a única arquitectura conhecida dos pescadores que, aproximadamente no mesmo local, prosperavam no tempo de D. Duarte. E tão florescente era, então, a sua prosperidade, que este monarca, querendo fazer mercê a seu irmão, o inclito Infante de Sagres, doou-lhe, em carta dada nos Paços de Sintra, aos 25 de Setembro de 1433, a «díxima nova» de todo o pesca-

(CONCLUÍ NA 6.ª PAGINA)

Notícias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Encontra-se nesta vila, o nosso conterrâneo sr. Emílio Ramirez, conceituado industrial, residente no Porto.

Regressou da sua viagem pelo Norte do País, o nosso prezado amigo e assinante, sr. António da Cruz Martins.

Com sua família, esteve entre nós, o nosso prezado amigo e conterrâneo, sr. Dr. José Isidro Farrajota Rocheta, conceituado médico, residente em Lisboa.

Tivemos o prazer de cumprimentar, nesta vila, o nosso assinante e conterrâneo, sr. Eng. Francisco Ortigão Gomes Sanches, residente em Lisboa.

Esteve em Lisboa, durante alguns dias, a sr.^a D. Maria Duarte Baltazar, onde foi despedir-se de seu filho, sr. Eurico Duarte Baltazar, Aspirante Oficial do Exército, que seguiu para os Açores.

De visita a sua família, esteve nesta vila, o nosso prezado assinante sr. João Lídio Setubal, funcionário do Banco Nacional Ultramarino, em Beja.

Deu-nos o prazer da sua visita á nossa redacção, o nosso prezado amigo e conterrâneo, sr. João Rodrigues Lima Centeno, Tesoureiro da Fazenda Pública, em Setubal.

Esteve nesta vila, acompanhado de sua esposa e filha, o nosso prezado assinante sr. António de Passos Lima, a fim de tratar do estágio na Praia de Monte Gordo, da Colónia Balnear do Concelho de Mértola.

Retirou para Lisboa, a sr.^a D. Amélia Garcia de Carvalho, nossa prezada assinante, que veio passar alguns dias em casa de seus pais, acompanhada de seu esposo.

Após ter passado nesta vila alguns dias, retirou para o Azinhal, o nosso prezado assinante e amigo, sr. José António Madeira, afim de chefear o Posto Fiscal, da Corte.

Regressou de Sintra, onde esteve de visita a seus tios, sr. Joaquim da Palma Rita e da sr.^a D. Ernestina de Mira Brito e Rita, a sr.^a D. Maria Carolina Neves Brito com sua irmã Maria dos Anjos Neves Brito.

No «Vera Cruz» seguiu para o Brasil o nosso prezado amigo sr. Jorge Arez Mascarenhas, sócio das Serrarias Lameirão, de S. Paulo.

Deu-nos muito prazer com a sua visita á nossa redacção, o nosso prezado amigo e conterrâneo sr. Francisco Camarada Martin, funcionário superior do Banco Português do Atlântico, na sede, no Porto, e que presentemente está exercendo as suas funções na Agência de Lisboa.

Encontram-se em Lisboa, onde foram tratar de assuntos referentes á Empresa de Transportes do Rio Guadiana, os nossos prezados assinantes e sócios-gerentes da mesma empresa, os srs. João Aguilera dos Santos, Manuel da Costa Cardoso e Casimiro Leitão.

Esteve nesta vila, tendo já retirado para Alenquer, o nosso prezado assinante sr. José António da Cruz Palermo, 1.^o Cabo da Aviação Militar.

Esteve na nossa vila, de visita a sua família, e veio á nossa redacção felicitar o nosso director pelo 1.^o aniversário do nosso jornal, o sr. Ten. Manuel Francisco dos Santos Domingues, nosso prezado assinante em Algés.

Pedido de casamento

Por seu pai o sr. João Rodrigues Lima Centeno, foi há dias pedida em casamento para seu filho, sr. João Adelino Rodrigues Centeno, funcionário da Filial da Caixa Geral dos Depósitos, Crédito e Previdência, em Setubal, a sr.^a D. Lya dos Santos de Sousa Fortuna, filha do sr. Miguel Fortuna, gerente do Banco Nacional Ultramarino, em Tavira e da sr.^a D. Sílvia Santos Monteiro Fortuna.

O enlace deve realizar-se muito brevemente.

O «Notícias do Algarve» vende-se em Olhão, na Livraria Capela, Rua do Comércio.



PROVINCIA

PORTIMÃO

Festas dos Santos Populares

Iniciaram-se no passado dia 12, as Festas dos Santos Populares. Atitude louvável de alguns portimenses que ao assunto teem dado o seu constante esforço e atenção, destina-se a iniciativa á angariação de fundos para a construção do novo Hospital, ao mesmo tempo que por uma insignificancia se proporciona distracção permanente á população local.

A inauguração, numa noite bastante desagradável, não registou a presença do público que se esperava, mas certamente todos saberão impulsionar obra tão altamente benemérita com a sua presença futura.

Nas noites de 12 e 15, em honra de Santo António, actuaram as artistas da Emissora Nacional, Maria Adalgisa e José António, bem como uma Banda de Música, vinda de Silves... porque, ao que parece, não há em Portimão.

Estavam anunciados bailes, que não vimos e que duvidamos prestigio á organização das festas.

O serviço de Bar é excelente e ali tudo se encontra... menos as tão retintamente portuguesas sardinhãs. (Aqui fica o alvitre).

Além da Quermesse e dos muitos Stands de Chocolates, etc., há a registar a locução de J. P. S. aos seus microfones, sempre oportuno nas suas piadas.

E a propósito... para quanto as Festas da Cidade? — e.

CONTA-GOTAS

Por MARIA MANUELA NUNES

Feminilidade?

Futilidade. Inutilidade. Vaidade. Inconstância. Dependência. — Eis o jogo perigoso das cinco pedrinhas do reino das mulheres adultas.

Imprensa

As histórias fantásticas que acontecem por esse mundo fora, isto é, as histórias fantásticas que não acontecem por esse mundo fora...

Quadra para um mangerico

Feia? Feia é quem não sente. Vê um balão — e acredita que basta, pra ser bonita, uma luz dentro da gente.

GRALHAS

Um bando de gralhas, impertinentes e indesejáveis, invadiu o nosso número anterior com tal profusão que se torna praticamente impossível «enxotar» todas.

Por esse motivo, só nos resta pedir desculpa aos nossos prezados colaboradores — cujos originais foram «mal feridos» pelos antipáticos bicharocos — e aos nossos estimados assinantes — que, decerto, por conta própria fizeram a extracção do «joio».

LUZ DE TAVIRA

Conforme tinhamos anunciado e como era de esperar, tiveram brilhantismo vulgar os festejos levados a efeito pelo Centro de Recreio Popular da Casa do Povo da Luz, no passado dia de Santo António, em que o sr. Delegado do Instituto Nacional do Trabalho e Previdência de Faro se dignou dar-lhe início cortando a fita simbólica que vedava a porta de entrada do salão da Casa do Povo aonde se encontrava a exposição dos trabalhos de costura e bordados, a qual foi bastante concorrida e apreciada. Na sessão solene que a seguir se efectuou o sr. Delegado procedeu á entrega dos diplomas ás respectivas alunas felicitando-as pelo seu esforço e carinho. A professora do curso sr.^a D. Maria do Carmo, fez entrega de um lindo ramo de flores ao sr. Delegado fazendo ainda um breve discurso. De igual modo, foram entregues ramos de flores aos srs. Agente das máquinas de costura «PFAFF» e Presidente da Direcção da Casa do Povo de Luz, tendo usado da palavra além do Agente das ditas máquinas, uma aluna do curso em nome das suas colegas, oferecendo depois uma linda prenda á sua professora.

Em seguida, numa dependência da Casa do Povo, foi oferecido um finissimo «Porto de Honra» aos convidados, tendo no decorrer do qual havido troca de brindes.

No seguimento do programa, realizaram-se um torneio de tiro aos pombos, e um grandioso baile em que colaborou a orquestra «Jazz Imperial», e Tila Pedroso se fez ouvir em suas lindas canções e ainda numa excelente exhibição de patinagem artística, que muito deliciou a assistência.

Festas Populares

Promovidas pela Sociedade Recreativa Musical Luzense, realizam-se nos dias 24 e 29 do corrente, grandiosos festejos a S. João e S. Pedro, abrilhantados por duas excelentes orquestras.

Noticias Pessoais

A passar uns dias de repouso, encontram-se em casa de seus primos no sitio do Pinheiro, desta freguesia, as sr.^{as} D. Patrocínia de Jesus Taborda e D. Carlota de Jesus Correia, modista de alta costura em Lisboa, bem como o netinho desta senhora, menino Alfredo José Pires Veludo.

Objectos perdidos

Tendo-se perdido na estrada de Faro a Ferreira do Alentejo, uma mala de viagem, contendo vestidos, patins, discos e dinheiro, agradece-se e gratifica-se a pessoa que a entregar. Qualquer informação poderá ser dada para a Rua Augusta, 100-4.^o Dto. em Lisboa; ou para a Casa do Povo de Luz de Tavira. — e.

A tiragem e a expansão de «Notícias do Algarve» justificam a preferência dos seus anunciantes e oferecem segura garantia dum util e proveitosa publicidade.

HORAS LONGAS

Noite sem fim! Silêncio! Horas iguais! Passando em dolorosa desfilada, Como fantasmas negros, irreais, De sonhos vãos a ressurgir do Nada!

Ergo os olhos em busca alucinada! Meu Deus! Sinto delírios infernais!... E's tu, és tu surgindo, sombra amada Que me fugiste e que não voltas mais...

E' teu olhar no meu, profundo e brando; São tuas mãos as minhas afagando, E' o cício das frases que disseste...

Ah! como agora minha rubra boca Tem sede ainda — uma sede louca Daquela beijo, amor, que não me deste.

HORTENSE MARQUES

TÉDIO

Um dia abri meus olhos para a vida
E abri-os tão somente para ti,
Que só nesse momento conheci
O tormento de estar adormecida!

Vivo e não tenho alento, nem vigor,
Sinto-me presa a ti por fortes laços...
E na doce prisão dos teus abraços
P'ra sempre enclausurei meu grande amor.

Tu nunca saberás quanto te quero
E não digas, nem penses, que exagero,
Se juro ter nascido para ti...

Não duvides de mim, vivo morrendo,
E sinto-me morrer — porque vivendo
Sei bem que para sempre te perdi!

PENÉLOPE

Para si, minha Senhora

DAS QUE TUDO TÊM

ÀS QUE DE TUDO PRECISAM

Por NOÉMIA GIL FARIA

Apesar de tudo quanto de mal se possa dizer sobre a rapariga moderna o seu coração, afinal, é sempre o mesmo dando-se, agora como sempre, á bondade e ao prazer de semear o bem. Um grupo de raparigas de Lisboa pensou nas suas irmãs desprotegidas e organizou, recentemente, um chá com passagem de modelos, cujo produto reverteu inteiramente a favor da Protecção ás Raparigas, uma bela obra que protege, ampara e acarinha as muito pobres e aquelas outras que se encontram sem família.

A comissão de raparigas que foi presidida pela Princesa Maria Pia de Saboia, pela Infanta Pilar de Bourbon e por Dona Mafalda de Bragança — viu os seus esforços compensados com um belo resultado monetário pois a festa esteve concorridíssima e teve a assistência dos melhores nomes da sociedade feminina de Lisboa.

Erico Braga apresentou — com a graça que lhe é tão própria — modelos de M. Loube, com chapéus de Zano.

Não conhecíamos o trabalho de M. Loube, senhora de uma elevada cultura, que os azares da última guerra mundial, atiraram — felizmente — para a alta costura. Desenhista de valor, os seus modelos são, na maioria, criações próprias o que é raro entre as modistas portuguesas. Vou tentar descrever alguns dos mais bonitos modelos apresentados.

Um, na verdade bastante original, em «jersey» de palha de cor «breack» com a cintura bastante baixa — numa reminiscência de 1928 — tinha um corte especial, sem costuras no ombro pois a parte da frente ia até ao meio das costas formando como que um cabeção redondo. A saia deste vestido era empregueada.

Outro lindo vestido era em panamá cinzento. Tinha a saia justa, um pequeno peitilho e casaquinho muito curto.

Outro conjunto interessante, no género práctico e em xadrês miudinho castanho e «beige» tinha a sua

graça no «gilet» liso terminando em bico á frente mas abotoando nas costas.

Passou também um modelo azul «royal» com largas bandas e punhos em tecido ás riscas, muito finas, azul celeste e branco.

A seguir um modelo bastante original feito numa fazenda azul claro com linhas em salmão. E' um vestido com um pequeno bolero, fechado na parte da frente mas formando capinha na parte de trás.

Agradou-nos também muito um conjunto destinado a viagem de núpcias. Compõe-se de saia lisa, de um corpinho e de um pequeno casaco que tem a particularidade de ser abotoado atrás. Estava confeccionado em panamá cor de pérola e foi apresentado com um casaco solto, muito práctico, numa espécie de «tweed» castanho tabaco e pérola.

Lindo o casaco branco que vimos a seguir em «grosgrain» branco com umas enormes algibeiras.

Veio, depois, um bonito casaco, muito largo, num «moiré» lavado com tons de tabaco, vestido por cima de um vestido de «chifon» plissado também cor de tabaco.

Seguidamente passa um vestido azul escuro com pintas brancas, todo abotoado á frente. O pequeno bolero, muito curioso, abotoa nos botões do vestido.

Há um vestido de uma seda forte de fundo cinzento escuro e com lindas rosas vermelhas. Em vez da gola e punhos habituais tem duas golas de «organidin», uma preta e a outra branca. O mesmo motivo é repetido nos punhos. Acompanha o vestido um casaco bastante largo feito numa seda forte do mesmo cinzento forrado com «nylon» cinzento mais claro.

Uma guarnição muito interessante — armada com as rosas estampadas do tecido do vestido — guarnece as algibeiras interiores do casaco.

E terminam os vestidos de passeio com a entrada, em conjunto, de três modelos, um branco, um azul claro e outro rosa. Os três, muito simples, com as saias

AGENDA

MOVIMENTO DA BOIA

de Vila Real de Santo António

De 11 a 17 de Junho de 1954

TRAINEIRAS

Leste	31.430\$00
Pérola do Guadiana	24.130\$00
Flor do Sul	23.100\$00
Norte	20.170\$00
Brisa	19.045\$00
Raulito	17.220\$00
Liberta	16.790\$00
Infante	15.470\$00
Carmela	14.855\$00
Deolinda Rita	13.070\$00
Sam Domingos	11.545\$00
Maria Rosa	10.830\$00
Levante	10.640\$00
Flor do Guadiana	9.370\$00
Janita	8.810\$00
Persistente	8.580\$00
Batinha	8.350\$00
Noroeste	8.040\$00
Marisol	7.080\$00
Agadão	6.720\$00
Tufão	6.480\$00
Boreal	5.573\$00
Tóluiz	3.090\$00
Brisa	2.970\$00
Jomanel	2.960\$00
Sr. ^a da Piedade	2.950\$00
Mameliche	1.900\$00
Restauração	1.515\$00
Alvarito	1.365\$00
Costa Azul	1.270\$00
Total	315.318\$00

CERCOS

Amazona	6.250\$00
Novo Machado	5.140\$00
Portugal I	3.050\$00
Futuro de Olhão	1.180\$00
Total	15.620\$00

Atum da costa Algarvia

81 Atuns	101.883\$30
74 Atuarros	53.016\$60
16 Albacoras	6.075\$00
2 Cachorretas	199\$20
Total	161.174\$10

Atum da Costa de Marrocos

453 Atuns com o peso de 68.854 Kgs.

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António de 12 a 18 de Junho:

Entrados:

JAYME PEREZ, de 59 ton. e MARIA LUIZA III, de 20 ton., Espanhóis, de Tãnger, com atum fresco. GORGULHO, Português, de 1.196 ton., de Lisboa, com carga em trânsito. PEDRO MORON, de 28 ton. e MARIA DE LA CONCEPCION, de 18 ton., de Tãnger, com atum fresco.

PRIMOS, Português, de 109 ton., de Viana do Castelo, com madeira. NEREUS, Português, de 334 ton., de Tãnger, vazio. COSTEIRO, Português, de 629 ton., de Lisboa, vazio.

Saídos:

COVILHã, Português, com minério, para Saint Maló. COSTEIRO, Português, com minério para Lisboa. FYLGIA, Suéco, com cortiça, para Nova Iorque. GORGULHO, Português, com sal, para o Funchal. JAYME PEREZ, MARIA LUIZA III, PEDRO MORON e MARIA DE LA CONCEPCION, Espanhóis, todos para Tãnger, vazios.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 19 a 25 de Junho, a Farmácia SILVA, Rua Miguel Bombarda - Telefone 64.

HORÁRIO DE CAMIONETAS

Vila Real - Faro: Às 7,25 - (faz ligação com a de Lisboa) - 9,30 - 11,25 - 12,30 - 14,30 - 16,25 - 17,30 e 18,30.

Vila Real - Mértola: Stada de Vila Real, às 8,30, chegada a Mértola, às 12,5 horas.

Saída de Mértola, às 17, chegada a Vila Real, às 20,30 horas. Estas carreiras realizam-se diariamente.

Vila Real - Martinlongo: (*) Saída de Vila Real, às 16,30, chegada a Martinlongo, às 19,45 horas. Saída de Martinlongo, às 7, chegada a Vila Real, às 10,15 horas.

Todas estas camionetas passam por Alcoutim.

a) Estas carreiras não se efectua aos domingos.

plissadas — cada uma delas em plissado diferente e de absoluta novidade. O conjunto dos três vestidos foi de um lindo efeito, de suaves coloridos, pois o azul era acompanhado com mala e luvas cor de rosa; o rosa com mala e luvas brancas; e o branco com mala e luvas cor de rosa. Era, não há dúvida, um lindo quadro a pastel.

OS NOSSOS CONTOS

TORMENTA...

POR RUI DE CHELB

Ala...
E os homens que soltaram este grito, retesaram os músculos e empurraram o barco para a água, saltando em seguida para ele, quando já se encontrava a flutuar. Entretanto, para fugirem à rebentação, vogaram apressadamente, até alcançarem o ponto em que o mar começava a estar mais chão.

Armaram, depois, a vela e, postados cada um deles, já, nos lugares onde tinham de exercer a sua actividade, os cinco homens que constituíam a companhia daquela embarcação pesqueira puxaram o tabaco das suas blusas grossas e fizeram cigarros, que logo acenderam.

A tarde ia em mais de meio. Um vento b'ando e de feição impelia o barco docemente, fazendo-o deslizar com uma suavidade embaladora, propícia às grandes meditações, e aqueles homens, afeitos à rude vida do mar, sentiram-se como que penetrados de tão estranho sortilégio. Dir-se-ia que a imponente majestade das coisas mudas infundia neles um vago e misterioso sentimento, que os levava a recolherem-se em si próprios, numa atitude estática. E os seus pensamentos dirigiram-se para as suas famílias, envolvidos num misto de saudade e ternura.

Zé Murta, trinta anos saudáveis e robustos, deu-se, porém, a rememorar a sua vida. Via-se, desde muito novo, em luta com o mar, para angariar o sustento, pois seu pai e um irmão mais velho haviam sido tragados por esse gigante enorme, que tanto dá a abundância e a alegria, como a desolação e a morte.

Via-se, depois, já homem feito, namorando a Rosa, também duma família de pescadores — que naquela praia poucas havia que o não fossem.

Na vida de Zé Murta, tão cheia de trágicos acidentes, esse tempo marcava um período de acalmia, uma como clareira no emaranhado e funesto conjunto de factos que constituíam o seu destino.

O namoro durara três anos, durante os quais Rosa se mostrara sempre cheia de um afecto promissor. Até que casaram, num dia de Maio, na pequena igreja que a devoção de gente humilde fizera erguer sob a invocação de São Pedro.

Fora esse um grande acontecimento na praia. Nesse sábado os barcos não saíram, para os seus tripulantes poderem tomar parte na boda, que durou até à segunda-feira seguinte. Viera um tocador de harmonio, dos de mais fama no Algarve e, durante aqueles três dias — podia dizer-se — toda a gente da praia esteve em festa.

Os homens que haviam sido, pró-

priamente, convidados para o casamento envergaram os seus melhores trajes; as raparigas, os vestidos garridos que tinham mandado fazer para estrear nesse dia.

Tanto os padrinhos do noivo como os da noiva capricharam em apresentar as melhores ofertas e, sobretudo, as mais variadas e abundantes comidas. Eles próprios saíram à rua, com grandes bandejas de bolos, que iam oferecendo a quem encontravam, chegando a entrar nalgumas casas para obsequiar os doentes e os velhos que não podiam sair.

Mas para o rapazio é que isso havia constituído forte gáudio. Eram aos magotes, rodeando as bandejas — que esses não se contentavam com o que lhes ofereciam. Comido um bolo, logo se punham a jeito de apanhar outro, para o que acompanhavam os padrinhos desde que estes saíam até que regressavam. Ai, então, é que era vê-los a arrebanharem os restos das bandejas, que iam metendo na boca e guardando nos sebotos bolsos das suas andrajosas vestes. E ficavam, ainda, qual encape que presente gulodice, em frente da porta, à espera do que viesse, pois lá dentro comia-se e bebia-se sem descanso.

No maior compartimento da casa — ainda assim bastante exíguo para conter tanta gente — dançava-se, sem cessar, ao som do harmónio e dos ferrinhos. Ao terceiro dia de boda, ainda alguns pares rodopiavam, mas já exaustos e transfigurados pela fadiga e pelo ar saturado de poeira, de fumo e do fartum que os corpos exalavam.

Aquilo sim, é que havia sido boda! Ao fim de muito tempo ainda se falava dela, pois estas coisas não podem esquecer facilmente.

E as recordações sucediam-se sem interrupção. Agora, acudiam-lhe à mente os primeiros meses de casado, que foram para ele uma espécie

de sonho. Mas logo lhe vinha, em turbilhão, a ideia daqueles outros meses em que a sua companheira estivera doente.

Foi pelo Natal que ela começou a sentir-se incomodada. Fastio, vômitos, cansaço, havia já quem dissesse que a sua companheira estivera doente.

Por último, já se rosnavia que aquilo era bruxedo que faziam à Rosa, com inveja da sua boa vivência com o marido. E não faltou quem supuzesse ser a Antónia a causadora do feitiço, pois sabiam que ela não levava a bem aquele casamento, tendo, como sempre tivera, o pensamento no Zé Murta.

O deffinamento de Rosa ia-se acentuando aos poucos e no fim do inverno Zé Murta tinha gasto todas as suas economias, sem conseguir ver a sua companheira com saúde.

Um dia, uma vizinha chamou-o e disse-lhe:

— O' Zé, alguém quer mal à tua Rosa! Porque não vais falar com aquele homem das Sarnadas? Olha que ele tem curado muita gente!

Dois dias depois, Zé Murta, prebiando uma ida a Faro, para consultar um médico, dirigira-se com a mulher para o sítio que a vizinha lhe indicara, em plena serra e a quatro léguas do litoral.

Ficaram surpresos, um e outro, com o que o homem lhes disse, e mais ainda com o tratamento por ele ensinado — tão simples lhes parecia para doença tão complicada.

Havia quem fazia mal à Rosa, mas tomasse ela o chá daquelas ervas que lhe dava e fizesse os defumadouros ao mesmo tempo que pronunciasse as palavras ensinada — se tudo passaria.

Voltaram para casa, confiantes, e o mais curioso é que, passadas três semanas, Rosa começa a recuperar

a saúde e, ao fim de mês e meio, sentia-se completamente boa.

Foi logo a seguir a essa crise que ela sentiu que ia ser mãe e isso causou grande alegria ao casal. Efectivamente, passado algum tempo, nasceu um menino.

Zé Murta revia esta fase da sua vida com enlevo, mas sentindo o coração oprimido por uma saudade inconsolável. Era a lembrança do filho, e das suas traquinices, uma lembrança pungente, porque a Morte lho roubara, quando ele tinha seis anos. Via-o, ainda, durante a doença, ardendo em febre; depois, no caixãozinho branco, coberto de flores, levado por quatro rapazinhos, a caminho do cemitério. As mulheres saíam à estrada para ver o seu corpinho inerte e balbuciar umas orações...

E os olhos de Zé Murta marejavam-se de lágrimas.

O barco ia já distante de terra. Anoiçecera mais cedo porque grandes nuvens encobriram o sol muito antes dele transpor a linha do horizonte.

O homem do leme arrancou Zé Murta àquele trolpel de recordações e apontou para as nuvens, em cujo fundo negro se destacavam, por vezes, alguns relâmpagos.

A tripulação não teve aquilo como bom prenúncio, tanto mais que os relâmpagos se iam notando já neutros lados e tudo parecia preparar-se para a borrasca.

Por mais de uma vez tinham aqueles homens sido surpreendidos no mar, pelo mau tempo; porém, nunca o tinham sido de noite — e essa circunstância é que os intimidava agora, porque, no dizer de Zé Murta, «com o escuro, não vê um homem onde põe os pés».

Ainda quiseram aproximar-se mais de terra, mas também pensaram que, no caso de lhes sobrevir a tormenta pela noite fora, tanto lhes valeria estar a duas milhas como a uma.

— Seja o que Deus quiser! — acabaram todos por convir.

Persignaram-se, fizeram as suas orações, e logo em seguida arrastaram a vela, para se porem a salvo de qualquer refega de vento que

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

TRIBUNA DOS NOVOS

O PROGRESSO...

O RITMO da evolução que se operou no mundo nos últimos dois séculos, pode considerar-se verdadeiramente alucinante. Quer no campo social, quer nas ciências, nas artes, nas letras — a inteligência humana realizou o prodigioso milagre de conseguir, em poucas décadas, o que, durante milhares e milhares de anos, nem sequer pudera ser sonhado. Desde o cinema, por enquanto em três dimensões, e a televisão, à bomba de cobalto (que, segundo afirmam os técnicos, mete num chinelo velho a de hidrogénio) e ao avião supersónico, passando por todas as outras miudezas que celebrizam a nossa época, tais como as penicilinas e terramicinas (dessa natureza e desvaída família das «inas», obedientes servas da ciência médica, para bem da humanidade), o aspirador eléctrico, o abre-latas automático, o existencialismo do sr. Jean-Paul Sartre, o submarino atómico, os bigodes de Salvador Dali, etc. — a humanidade, num triplo salto mortal de progresso, afastou-se de tudo quanto pudesse ligá-la ao passado.

A fama das audácias que levaram para os ares as caranguejolas dos irmãos Wright e de Santos Dumont — os respeitáveis avózinhos dos caças de facto —, esfumou-se timidamente perante os 2.000 quilómetros à hora! E a dona de casa que, durante o almoço, abre o seu Telefunken (o réclame é de borla...), na onda marítima, para escutar o seu consorte, lá «nas ondas do mar alto», em cabaqueira com os camaradas sobre as contingências da pesca, não necessita conhecer o significado da palavra Marconi. Tanto pode ser a marca do melhor ferro eléctrico — como a de tomates em conserva.

Também a menina delambida e cinéfila (em relêvo, é claro!) que vai fazer uma permanente, ignorante da biografia heroica de Tomás Edison, não deixará de prevenir o namoro, através do fio do telefone: — Olha, querido, vou ao cabeleireiro. Vais esperar-me?

O homem — e a mulher — dos nossos dias aceitou o progresso sem discussão. Serve-se dele e de tudo quanto ele põe a sua disposição, sem discutir. Só os botas-de-elástico, os fora-de-moda é que podem rejar ou aceltar com desconfiança as mais recentes maravilhas da técnica, os últimos prodígios da

ciência. Por isso, não deve surpreender ninguém que qualquer dia se aposente, com vencimento inteiro (o que é justo!), a cegonha que solitamente traz os meninos de Paris, desde os tempos da mãe Eva (depois da história da maçã...) — e, de futuro, os casais com vocação para a paternidade se sirvam de máquinas made in U. S. A. que, mediante uns escudos e uma volta de manivela, lhes depositem nos braços bebês louros ou morenos, amarelos ou pretos, azuis ou às riscas, consoante o gosto de cada um...

E' o progresso...
O progresso é tudo isto — e é mais a arte de destruir. A sombra desta palavra, tão mal compreendida por vezes, como aviltada, o homem tem procurado sistematicamente a destruição do seu semelhante. Se lançarmos uma rápida vista de olhos ao mundo dos nossos dias — teremos a perfeita confirmação do que dizemos, sem pessimismos.

Estas lutas nas Coreias e nas Indochinas não estarão para o futuro baile-de-roda como o conflito espanhol para o baile-de-roda passado? Não será o ensaio geral que costuma preceder o espectáculo?

O pior é que, se assim for, o espectáculo não terá espectadores: entrarão todos na peça — que será a última...

O progresso...
Sim, não há dúvida de que progredimos extraordinariamente sob o aspecto material, que estamos infinitamente longe do nosso semelhante da Idade da Pedra. Mas, sob o aspecto puramente humano, que põe os valores do espírito acima de todos os outros valores, parece que o progresso é nulo — as armas é que são diferentes: a diferença que há entre a bomba de Hiroshima e o machado de sílex.

Por isso, eu aceito o Progresso — representado pelo maple onde me recomponho das fadigas físicas —, mas não acredito nele enquanto o bicho humano não se disponha, de alma e coração, a amar o próximo como a si mesmo!

A. de Mendonça

A tiragem e a expansão de «Notícias do Algarve» justificam a preferência dos seus anunciantes e oferecem segura garantia duma útil e proveitosa publicidade.

SOBRE A CULTURA DEFICIENTE

POR N. RODRIGUES PENA

UMA cultura deficiente afigura-se-nos, às vezes, muito mais pernicioso do que propriamente a completa ignorância. O indivíduo que não possui o verdadeiro senso das suas limitações e ousa tratar com levianidade os mais diversos problemas, para os quais se não encontra devidamente preparado, manifesta já precária cultura. Quase se

pode avaliar a ousadia de qualquer pessoa pelo grau de cultura. Os ignorantes são quase sempre mais atrevidos do que aqueles que têm um conhecimento mais exacto das dificuldades de que revessem as diferentes questões humanas. Embora isso pareça um absurdo às pessoas menos avisadas, o facto de se desconhecerem parcial ou totalmente muitas dessas dificuldades, torna-se uma garantia para se abalancarem a cometimentos a que outros mais compenetrados dos perigos e erros se esquivam.

Tem-se apontado com certa justeza os equívocos e mal-entendidos que provoca a divulgação de conhecimentos gerais num público que se pode convencer de saber o necessário ou mesmo dominar os múltiplos assuntos dum ramo da ciência, cujo estudo leva anos e anos de trabalho. Mas, não se vá aduzir desses factos, provas esmagadoras para combater toda a divulgação.

No homem não existe só o profissional; existe também o cidadão, e essa particularidade deve merecer os mesmos cuidados que a sua educação profissional. Toda a divulgação de conhecimentos deve ter por objectivo formar a consciência do cidadão, torná-lo um ser prestante e útil à sociedade onde vive. Ora, a educação especializada está bem longe de realizar esse desiderato. E basta reconhecer essa necessidade para nós aplaudirmos todas as iniciativas que procurem alargar os horizontes mentais do indivíduo, dar-lhe noções exactas dos deveres e direitos que lhe cabem no seio da colectividade. Já Herculano dizia, muito sensatamente: «cumpre que se lembre de que a sua vida é dupla, pública e privada, de cidadãos e de homens; que, assim como o mau chefe de família é um indivíduo desonrado, o que despreza as funções públicas que lhe incumbem exercer para a manutenção da liberdade igualmente se desonra.»

Os detractores e adversários de toda a divulgação de cultura costumam ridicularizar essa sementeira de conhecimentos, chegando a condenar a Revolução Francesa por introduzir tais hábitos na sociedade. Esquecem-se lamentavelmente que todo o movimento de curiosidade é um óptimo sintoma da robustez mental dum povo. Na distante época de 1789 — já tão afastada que não compreendemos nem atinamos com as paixões que esses acontecimentos ainda hoje provocam — existiu esse alvoroço e efervescência no meio dum povo sedento de conhecer e de se aperfeiçoar. Época aberta a todas as audácias do pensamento e de todas as inova-

ções revolucionárias, a curiosidade encontrava aí terreno favorável para matar toda a sede de ideias. Só as sociedades desorientadas, enfraquecidas, amedrontadas e cépticas pelo seu destino e futuro, é que recebem a divulgação de conhecimentos. Mas o que é afinal uma cultura deficiente? Para já, poderemos dizer que um humilde artefacto, como um catadrático, podem enfermar desse prejuízo. Uma cultura deficiente traduz-se sempre por um atrofamento da inteligência, uma espécie de obsecção, subordinando os problemas a uma débil visão que os cinge e afoga numa doutrina ou num sistema. A cultura deficiente descamba sempre num estreito sectarismo, do mesmo modo que certo ecletismo, aparentemente franco e aberto ao pensamento, se traduz numa posição de comodismo.

Os conhecimentos aprendidos dirigem-se a servir paixões de momento, em vez de serem utilizados com fins mais largos, objectivos menos egoístas. Mas a concepção de uma cultura sectária nega todo o sentido de cultura, implica imediatamente a sua negação. Propriamente é inconcebível tal género de cultura. Uma cultura deficiente apeia sempre para a verdade absoluta, para as soluções integrais. Ora a história do pensamento humano contraria a existência de tais postulados. Pode-se unicamente aceitar a solução dum problema ou dos problemas concernentes a uma dada época. Verifica-se que a vida sofre constantemente mutações, apresentando no seu curso novos problemas, que exigem também novas soluções. Na história, todo o regresso é impossível.

A cultura, sendo expressão da vida, não se pode confinar a formas fixas, estereotipadas. Os que falam em tradição, sem se darem conta do curso das realidades presentes, e os que se limitam aos conhecimentos sistematizados em formulações mortas, tornam-se pagagaios de verdades ultrapassadas, sem se esforçarem por dar continuidade a esses conhecimentos. Cultura, implica, necessariamente, continuidade.

A cultura deficiente que aparece sobre as modalidades aqui ligeiramente esboçadas, manifesta-se sempre por uma autêntica negação da verdadeira cultura. Apelo às tradições, defesa estreita de um sectarismo, não têm nada a ver com o que se deve entender por cultura. Poderemos, pois, falar numa cultura sectária? Cultura e sectarismo são duas coisas opostas, inconciliáveis. Cultura sectária? Eis o que procuraremos tratar no próximo artigo.

Evocação

Foi o Monte Brasil, curioso, pitoresco, cabeça da Terceira, a ilha completando, que hoje ante nós surgiu em seu vário arabesco pedindo uma lembrança a quem se ia olvidando.

A mente atrapalhou-se ao ter esta visão, a Terceira, a Lilaz, a Ilha de Jesus! Reuniu em conselho o lápis e a mão dispôs-se a recordar, e concentrou-se, e truz!

Angra apareceu então, mais branca, mais bonita, em dia algum, já mais, estivera assim vestida. Dava a mão ao Brasil e pai e pequenita vinham ao pé do mar fazer a despedida...

Os cerrados ao longe, em sua simetria, pareciam remexer as ervas verdejantes para dizer adeus, cheios de melancolia, aos que, olhando-os, sonhavam em dias não distantes...

Depois, escureceu. Angra, talvez com pena, ao ir-se embora o sol vestiu-se de luzinhas, ei-la agora mais bela, um pouco mais pequena, mil pontos luminosos realçando-lhe as linhas!

O barco, o «S. Vapor», falava-lhe namoro, saltitando-lhe em frente, não parava um momento, mas ela nem ligara àquele desfafado, não ficava no barco o grácil pensamento...

A hora veio por fim. O barco bailou mais, já pronto a navegar, andou, silvou, partiu. Era tarde, só Angra estava no seu cais e em lágrimas de luz ainda nos sorriu...

Tudo se foi esfumando aos poucos na distância até desaparecer, o monte, a luz, a ilha, onde se disfrutara a graça e a fragância da terra, da paisagem, de tanta maravilha!

Mas Angra, a princesinha iluminada e branca, tão linda, tão gentil, airosa e sobranceira, qual sereia prendada, que ao mar belezza arranca, essa não mais se esfuma, é o símbolo da Terceira!

JOSÉ M. PEREIRA

CHÁVENAS DE CAFÉ

QUASE AMARGO

PELO DR. CRUZ MALPIQUE

BOM E MAU TEMPO

PASCAL dizia: «O nevoeiro e o bom tempo, dentro de mim existem.»

Há nesta afirmação tanto de verdade como de inverdade. Há exactidão psicológica, porque, em muitos casos, é o nosso estado de alma que faz o mau e o bom tempo. A paisagem é então um estado de alma. Mas temerário seria afirmar que o bom e o mau tempo, meteorologicamente considerados, não exercem influência sobre a nossa disposição psíquica.

O verificado é um sistema de osmose: o espirito distingue sobre o tempo, e este actua sobre o espirito.

Mas sem dúvida que certa formação filosófica é de molde a dar-nos, sobre as agruras da realidade, uma capacidade de resistência extraordinária. Vem uma decepção, e deixa-nos como nos encontramos: seremos como rochas. Vem a adversidade, e nós a recebemos como quem recebe uma visita que era esperada. Portanto, sem dolorosas surpresas. Nessas condições estava a personagem de Corneille:

Fortune, quelques maux que ta riqueux m'envoie, J'ai trouvé les moyens d'en tirer de la joie.

CHOPIN

EM Chopin, música e amor viveram permanentemente entrelaçados. Quando, de viva voz, não podia dizer à sua amada as palavras de amor que no coração lhe transbordavam, transformava-as em música. Em 8 de Outubro de 1829 (tem então dezasseis anos de idade) escreve a um íntimo, pianista famoso: «Que horror quando o coração se sente oprimido, não poder abrir-se com outro coração! Tu sabes o que eu

quefo dizer. Quantas vezes rebelo ao meu piano o que desejava confiar-te!»

Estava Chopin enfeitado, nesse momento, por uma cabeça loira, de olhos azuis e boca prometidora, que lhe dava volta ao miolo. Ouvira-a cantar, uma tarde, na O'pera. Ficara deslumbrado. E, não lhe sendo possível comunicar-lhe, directamente, a sua paixão, fazia desta um poema musical. Foi essa mesma mulher que, um ano depois, quando ele deixava a Polónia para sempre, cantava, em despedida que o comoveu profundamente, «o quanta lagrime per te versai.»

O mundo dá muitas voltas, e, ausente Chopin, essa apaixonada casava com... outro. De coração ficava casada com Chopin. Cega, dois anos depois de casar, sentava-se ao piano, e tinha, em dolorido canto, as suas núpcias sentimentais com o grande ausente. Já velha, ainda dos seus olhos apagados para a luz caíam lágrimas de saudade indelével: «o quanta lagrime per te versai...»

CONFISSÕES

CHATEAUBRIAND, na altura em que pensou escrever as suas memórias, dizia que à posteridade só transmitiria o que nele houvesse de belo e digno. Fraquezas, encobri-las-ia. Não se julgava responsável do crime de mentira perante Deus, por só confessar o bom aos vindouros.

Chateaubriand disse-o. Outros o fazem, mas não o dizem, querendo fazer acreditar que, na vida deles, não houve sucata. Assim não fizeram Santo Agostinho e Rousseau. Fizeram confissões totalitárias, mostrando os seus corações e pensamentos em toda a sua nudez.

Quem andou melhor?

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

«Banco Nacional Ultramarino» — Boletim Trimestral — Recebemos do Banco Nacional Ultramarino o Boletim referente ao primeiro trimestre do corrente ano, elaborado pelo seu Serviço de Estudos Económicos.

Em considerações preliminares sobre a situação internacional, em 1953, acentua-se que, tendo sido verificado um sensível alívio da tensão internacional no ano findo, traduzido na diminuição do pesado fardo do rearmamento, observaram-se os primeiros sintomas de transição para a prosperidade artificial que sucedeu ao começo da guerra na Coreia e a economia de paz.

A produção e o consumo atingiram, no fim do segundo trimestre de 1953, novos máximos, dando lugar a que o volume das transacções e os lucros líquidos das empresas fossem, também, além dos alcançados no ano imediatamente anterior.

Inseri, seguidamente, informações importantes sobre a situação portuguesa, sua balança de exportações e importações, pagamentos, situação financeira, preços e situação comercial, referindo-se, depois, propriamente, às actividades do Banco, situação económica, contractos, etc., bem como às representações daquele organismo de crédito em Cabo Verde, Guiné, S. Tomé e Príncipe, Angola, Moçambique, Estado da Índia, Macau e Timor.

TRIBUNAL JUDICIAL

Comarca de Vila Real de Santo António

Anúncio

Pelo Juízo de Direito da Comarca de Vila Real de Santo António.

FAZ-SE SABER que na Execução Sumária que neste Tribunal move Reynaldo Bento, casado, empregado industrial, residente nesta Vila, contra Manuel da Palma, viúvo, residente no Monte das Soalheiras, freguesia e concelho de Castro Marim, desta Comarca, para pagamento da quantia de 13.000,00, juros legais e custas, correm éditos de vinte dias, contados da segunda e última publicação deste anúncio, citando os crédores desconhecidos para, no prazo de dez dias, depois de findo o dos éditos, virem deduzir os seus direitos.

Vila Real de Santo António, 14 de Junho de 1954.

O Chefe de Secção,

a) António Figueiras da Cruz

Verifiquei

O Juiz de Direito,

b) Francisco Nunes Correia

PNEUS

Srs. Automobilistas e Camionistas. Tenho para vender pneus em 2.ª mão, sem defeito, com as seguintes medidas: 600 x 16, 750 x 20, 165 x 40, 500 x 16, 525 x 16 e ainda outras medidas. Manuel Nast, da Graça, praça da Verdura, n.º 11 — Olhão. Telefone 360.

Se V. Ex.ª visitar em PORTIMÃO o Salão de Chá e Pastelaria SALOMÉ

a mais luxuosa e confortável do Algarve, terá a certeza de poder adquirir, além do mais fino doce de pastelaria, o melhor, o mais artístico e o mais regional doce do Algarve

R. Dr. José J. Nunes, n.ºs 4-A, 6 e 8
Tel. 85 PORTIMÃO

2-EXCURSÕES-2

1.ª A FÁTIMA

Nos dias 11, 12, 13, 14 e 15 de Maio-1955
Preço 210\$00

Itinerário: Vila Real de Santo António, Beja, Évora, Santarém, Tomar, Castelo do Bode, Fátima, Batalha, Alcobaça, Nazaré, Caldas da Rainha, Torres Vedras, Mafra, Lisboa, Vila Franca, Alcácer do Sal, Beja e Vila Real de Santo António.

2.ª AO NORTE Pela Páscoa de 1956

Saída de Vila Real ao domingo e regressando à segunda-feira
Nos dias 25, 26, 27, 28, 29, 30 e 31 de Março e 1 e 2 de Abril
Preço 350\$00

Itinerário: Vila Real de Santo António, Beja, Évora, Santarém, Tomar, Castelo do Bode, Fátima, Leiria, Pombal, Coimbra, Mealhada, Albergaria a Velha, S. João da Madeira, Porto, V. Nova de Famalicão, Braga, Bom Jesus do Monte, Póvoa do Varzim, Vila do Conde, Porto, Espinho, Ovar, Aveiro, Figueira da Foz, Leiria, Batalha, Alcobaça, Caldas da Rainha, Torres Vedras, Mafra, Lisboa, Vila Franca de Xira, Alcácer do Sal, Ferreira do Alentejo, S. Brás de Alportel, Tavira e Vila Real de Santo António.

Com grandes facilidades de pagamento
Dirija-se a JOSÉ RUFINO
Vila Real de Santo António

OS NOSSOS CONTOS

TORMENTA...

(CONCLUSÃO DA 3.ª PAGINA)

podesse, traiçoeiramente, voltar-lhes o barco.

Mais animosos pelas orações que tinham feito e pela providência que haviam tomado, acenderam, ainda, a lanterna e voltaram a puxar pelo tabaco. E por ali foram ficando, com o barco a balouçar ao sabor das águas, à espera de que o tempo amainasse. Mas já se ouviam, ao longe, rumores de trovoadas e os relâmpagos continuavam riscando a noite, que se apresentava terrivelmente caliginosa.

O vento começara a assobiar e a soprar mais forte, acompanhado dum chuva fustigante, e o mar ia-se mostrando encrespado.

Tinha decorrido já muito tempo — nem se sabia quanto — e não brilhava outra luz, no mar, além da do barco. Ao dilúculo, o vendaval tornou-se medonho e a embarcação não era mais do que uma frágil casquinha no mar encapelado. Foi, então, que a acção conjugada dos elementos fez aquilo que tanto tinham receado e que os levava a arrear a vela. A coisa foi rápida e de maneira quase inesperada. Só sabiam que tinham visto o barco subir até à crista de uma onda, cuspidos os homens para o mar e voltando-se em seguida.

Nos primeiros momentos, foi grande a confusão. Cada um por seu lado, todos se esforçavam por alcançar o barco, que ficara a flutuar, de quilha para cima.

Os gritos de aflição e de chamamento eram, para aqueles homens, ao mesmo tempo que a exteriorização da sua angústia, um como que incentivo à coragem, bastante necessária em tal emergência.

Zé Murta não tinha sido atirado a grande distância, mas, vendo um companheiro bracejando, desesperadamente, o seu primeiro cuidado foi acudir-lhe. Porém, ainda não tinha dado três braçadas e já via o camarada sumir-se, redemoinhando, pelas águas. Apenas teve tempo de ver que era o Ti'Joquim.

Voltou-se, rápido, para o lado do barco e notou dois vultos agarrados à querenca. Foi para lá que dirigiu os seus esforços e, quando alcançou o barco — não sem custo — é que co-

nheceu os homens que ali se encontravam. Faltava o Chico Paixão.

Quando era já dia claro, ainda aqueles três naufragos se seguravam às saliências do barco; os outros dois haviam desaparecido. Mas os sobreviventes começaram a sentir-se enregelados e receavam que as forças lhes faltassem.

Entretanto, ia grande alarido na praia. Aglomerara-se muita gente diante do mar enfurecido, que não deixava sair o salva-vidas. Neste desespero, os homens soltavam imprecações e as mulheres gritavam, patéticas, abraçadas, algumas, aos filhos, que choravam clamorosamente.

No horizonte não se divisava qualquer sinal de embarcação, o que fazia aumentar o desalento de toda aquela gente.

Só passadas algumas horas é que puderam sair para o mar, em busca dos naufragos. Mas voltaram, ao fim de muito tempo, dizendo que não tinham encontrado o mais ligeiro vestígio do barco nem dos homens, o que tornou maior a aflição dos que se encontravam na praia.

Redobrou o côro das lamentações — e foram tantas as cenas lancinantes que pode bem dizer-se que a Dor teve uma verdadeira apoteose naquele dia.

Lá longe, continuavam ainda os três homens agarrados ao barco, em parte já desmantelado. Tinham os corpos dormentes, do muito que estiveram dentro de água, parecendo que a vida se lhes havia concentrado nos braços, pela ansia com que se agarravam, e nos olhos, pelo pavor que reflectiam.

Foi assim que a tripulação de um barco de carga os encontrou. Recolheram-nos e, imediatamente, lhes foram prestados socorros, seguindo viagem até ao primeiro porto, onde os desembarcaram.

Quando Zé Murta voltou à praia, com os companheiros, ia satisfeito, pensando na alegria que a presença dos três devia causar àquele gente. Mas quem o observasse bem, notava-lhe o rosto ensombrado por uma mágoa. E' que Zé Murta lembrava-se dos camaradas que tinham perecido — e aquele bracejar desesperado do Ti'Joquim não se lhe tirava da mente...

Rui de Chelb

Castro Marim

Vende-se duas moradias no melhor local, grande quintal e poço.

Informa: João Caldeira, Guarda Fiscal — Vila Real de Santo António.

Pastelaria CONFIANÇA

BOLOS REGIONAIS
BOLOS DE NOIVA
BOLOS DE ANIVERSÁRIO

Executa grandes e pequenas encomendas para

Casamentos - Aniversários - Banquetes

Avenida da República, 48
Vila Real de Santo António

Aluga-se em Castro Marim

Casa para residência, com 6 divisões, quarto de banho, água e esgotos.

Tratar com José Pacheco Dias — Telefone 8 — Castro Marim.

SECÇÃO DE CINEMA

POR VITORIANO ROSA

Brasil

O primeiro congresso brasileiro de intelectuais realizado em Goiânia, em Fevereiro último reuniu também os cineastas do país irmão. Os vastos objectivos do congresso concretizaram-se em numerosas recomendações e resoluções. A recomendação sobre cinema brasileiro não foi das menos importantes. Aqui a transcrevemos, na certeza de quanto merecem ser estudados entre nós, idênticos problemas que nos afligem:

«Os homens do cinema do Brasil solicitam aos intelectuais o seguinte:

1.º — Que lutem por medidas visando a protecção dos fil-

mes nacionais, que tenham como tema central a exacta expressão de nossos sentimentos e tradições populares.

2.º — Que se interessem pela criação de um estilo cinematográfico de conteúdo e forma nacionais, visando a utilização do filme brasileiro como veículo de defesa e de desenvolvimento da cultura do nosso povo.

3.º — Que se interessem pelo desenvolvimento do intercâmbio cinematográfico com todos os países latino-americanos, objectivando a realização de um Congresso Latino-Americano de Cinema e o estreitamento de relações com todos os países do mundo.

(CONCLUI NA 5.ª PAGINA)

Holland-America Line



AGENTES GERAIS
CARLOS GOMES & C. A. L.ª
15. R. DOS FANQUEIROS - LISBOA
TELEF. 21143/21789

SERVIÇO REGULAR MENSAL

Para HAVANA, VERA CRUZ, COATZACOALCOS, TAMPICO, NEW ORLEANS, MOBILE, Ala., HOUSTON E GALVESTON

O vapor rápido

“ANDYK”

carrega em LISBOA em 26 de JULHO

Carreira regular de Lisboa ou portos do Algarve, via Rotterdam para Cristobal, Los Angeles, San Francisco, Victoria, Vancouver, Seattle e Portland

Partidas de Rotterdam:

«DURANGO» — 29 de Junho

«DONGEDYK» — 6 de Julho

MOTORES MARÍTIMOS, INDUSTRIAIS E ELÉCTRICOS

GRUPOS MOTO-BOMBAS PARA REGAS
ELECTRO BOMBAS PARA REGAS, PARA EXTRACÇÃO DE ÁGUA A TODAS AS PROFUNDIDADES
DRAGAS PARA EXTRACÇÃO DE ÁGUA EM POÇOS PROFUNDOS
FERRO PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL E CHAPA DE FERRO
CANTONEIRAS, TUBAGENS DE FERRO, ETC.
CIMENTO, MANILHAS E SIFÕES EM BARRO
BETONEIRAS, MISTURADORES E TRITURADORES PARA CEREAIS
Lubrificantes «CASTROL» para todos os fins
Pneus «MICHELIN» Chupadores de borracha e mangueiras
EXTINTORES DE INCÊNDIO, FERRAMENTAS, ETC., ETC.

Para o seu caso consulte sempre a:

Agência Comercial e Marítima do Sul
Telefone 76 VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

NITRATO DO CHILE NATURAL

(NÃO CONFUNDIR COM O SINTÉTICO)

Adubos mistos, Cloreto de Potássio, Nitro-Amóniacal, Sulfato de Amónio e Superfosfatos.

SULFATO DE COBRE E ENXOFRE C. U. F.

Antes de comprar, consulte sempre os preços e condições de:

Guerreiro, Cabrita & Guerreiro, L.ª

S. BARTOLOMEU DE MESSINES

(CASA FUNDADA EM 1913)

Telefone: 5

Telegramas: GUERREIROS

BAGÃO, NUNES & DUTSCHMANN, L.ª

AGENTES DE NAVEGAÇÃO

com carreiras regulares de Lisboa, Leixões e Algarve para os portos do Mediterrâneo, Levante, Norte de África e Norte da América

PRAÇA DO MUNICÍPIO N.º 32-2.º ESQ.

Telefones n.º 27.689 e 30.700

Telegramas: DUNES

LISBOA

Torneio Popular de Futebol Inter-Sócios

O «Lazareto» comanda, no fim da 2.ª jornada, a classificação da Fase Final

A Taça «Guadiana» foi atribuída ao «Náutico»

O TORNEIO Popular de Futebol Inter-Sócios, organizado pelo Lusitano F. C., entrou no passado domingo na sua fase final para que ficarem apuradas as equipas do Porto, Lazareto, Náutico e Atlético.

O Náutico, tendo manifestado à Comissão Organizadora a sua impossibilidade de continuar no torneio, em virtude de um grande número dos seus jogadores serem estudantes e andarem em exames, — foi substituído na «poule» final pelo Celeiro que se havia classificado em 5.º lugar na fase de apuramento.

A taça «Guadiana», destinada à equipa que na primeira fase tivesse melhor comportamento disciplinar, foi atribuída, muito justamente, ao Náutico, atendendo a ter sido o único grupo que não sofreu qualquer castigo ou mera repreensão.

Damos, a seguir, breves comentários aos jogos da primeira jornada da competição que deve indicar o campeão popular vilarealense de 1954.

CELEIRO, 1 — ATLÉTICO, 2

Árbitro: Norberto Cavém.

Celeiro: Vaz; Joaquim e Peres; Rafael, Ismael e Mendes; Raimundo, Mário, Norberto, José Maria e Fernando.

Atlético: Mirones; Ferreira e Gaudêncio; Amândio, Américo e Aquilino; Francisco, Salvador, Renato, Sanina e Ludgero.

Resultado 1.º do tempo — 1-1.

Tanto o Atlético como o Celeiro — que não estando nas suas melhores tardes, este não dispondo de meios para fazê-lo — não conseguiram neutralizar a influência do vento, antes se deixaram arrastar por ela, deixando nos a impressão de enervados pelas dificuldades apresentadas.

Assim, não nos surpreendeu o baixo nível técnico da partida.

Desta feita, foi o Atlético o vencedor, muito justamente, pois, sem jogar bem, revelou-se a equipa mais homogênea sobre o terreno, dispondo dos seus sectores mais ligados a carregar com verdadeiro sentido de entre-s ajuda.

O Celeiro começou a favor do vento e a poucos minutos já tinha marcado o seu gol, por intermédio de José Maria, mas, não conseguindo concretizar inúmeras ocasiões criadas a seguir, foi fácil ao Atlético igualar o marcador antes do intervalo, cotando-se para o segundo tempo como provável vencedor, pois jogava com o vento pelas costas.

O segundo tempo, o da vitória, apareceu na melhor altura, quando o Celeiro já era incapaz de reagir, talvez pelo esforço dispendido anteriormente.

Foi Francisco, o extremo-direito atlético, o autor dos dois pontos da sua equipa, muito bem marcados, melhor o segundo, pois o primeiro foi um tanto fortuito e beneficiou da colaboração de Vaz.

A arbitragem não teve influência no resultado, contudo, o sr. Cavém também não esteve nos seus melhores dias; pode fazer muito melhor.

J. C.

CLASSIFICAÇÃO

	J	V	D	E	P
Lazareto	2	2	—	—	6-2-4
Porto	2	1	—	1	6-2-4
Atlético	2	1	—	1	8-5-2
Celeiro	2	—	2	1	5-0



DESPORTO

Por circunstanças alheias à nossa vontade, não nos é possível fazer os habituais comentários aos jogos de quinta-feira. Assim, limitamo-nos a dar os resultados, as linhas e os marcadores.

PORTO, 4 — ATLÉTICO, 1

Árbitro: José Lopes.

Porto: Viegas; Guimarães, Sa-múdio e Tomé; Humberto e Antero; Ramires, Nodesto, Pinga, Fernando e Mendes.

Atlético: Mirones; Gaudêncio, Américo e Ferreira; Amândio e Aquilino; A. Vicente, Salvador, Renato, Sanina e Ludgero.

Resultado do 1.º tempo — 2-1.

Marcadores: Modesto, Ramires, Fernando e Samúdio, de grande penalidade, pelo Porto; Sanina, pelo Atlético.

LAZARETO, 3 — CELEIRO, 0

Lazareto: Romeu; Lopes, Santos e Rui; Fernando e Daniel; Marques, Ismael, Marcos, Borges e Dionizio.

Celeiro: Vaz; Quim, Ismael e Peres; Mendes e Rafael; Ulisses, José Maria, Morberto, Mário e Fernando.

Resultado do 1.º tempo — 2-0.

Marcadores: Borges, Marcos e Ismael.

Informam-nos, à última hora, que a comissão organizadora do Torneio, em virtude de factos lamentáveis passados num dos desafios da 2.ª jornada, resolveu suspender o torneio.

BASQUETEBOL

Farense-Sporting

O sorteio para a 3.ª mão da Taça de Portugal colocou frente a frente as equipas do Farense e do Sporting Clube de Portugal.

O jogo, realizado na Alameda de Faro, decorreu com extraordinário entusiasmo e muito desportivismo.

A partida começou com mais valentia e poder da parte dos farenenses que obtiveram alguns pontos em poucos minutos de jogo. No intervalo os algarvios ganhavam por uma diferença de dez pontos.

O segundo meio tempo decorreu também com muita velocidade e energia das equipas mas, à medida que o tempo passava, os lisboetas foram crescendo.

Nos últimos 10 minutos, o Sporting tomou o comando da partida (para o que concorreu a saída de Nunes que era o melhor jogador farense) ultrapassando o adversário na contagem e acabando por vencer com dois pontos de diferença.

O Farense, que conseguiu opor-se à melhor técnica dos antagonistas mercê da grande voluntariedade e rapidez, não merecia sair vencido.

O Sporting desiludiu-nos, especialmente no capítulo de lançamentos. Apesar de alguns valores individuais a turma lisboeta revelou falta de conjunto.

Belenenses-Ginásio Olhanense

A valorosa equipa do Ginásio Clube Olhanense que, juntamente com a do Farense, tão brilhantemente se classificou para a 3.ª mão da Taça de Portugal, deslocou-se a Lisboa a fim de defrontar «Os Belenenses». O resultado foi favorável aos visitantes por 54-41, mas os nossos comprouvianos não deixaram de dar réplica condigna.

H. V.

TEATRO

Conforme noticiámos, é já na próxima terça-feira, 22 do corrente, que o Grupo Cénico «Gil Vicente», privativo do Glória Futebol Clube, leva à cena no magnífico Salão de Festas daquela colectividade mais um agradável espectáculo.

Sobe à cena a divertida comédia de M. Pinheiro Chagas «Quem Desdenha», e a hilariante farsa «A Ordem é Resonar», cujos papéis estão a cargo dos melhores amadores daquele Grupo.

Como complemento do espectáculo teremos um animado «acto de variedades», em que sobressaem as vozes privilegiadas de Alvaro Primitivo, Lucinda Cordeiro, António Ribeiro, José Luís, etc., etc.

Colaboração da orquestra «Ibérica».

Secção de Cinema

(CONCLUSÃO DA 4.ª PÁGINA)

4.º — Que lutem pela implantação de uma legislação que eleve o nível moral e social do cinema, tanto na produção nacional como na escolha das películas importadas.

5.º — Que se interessem pela organização de um sistema continental e nacional estável de distribuição e exibição de películas, baseado nas leis nacionais de protecção, troca internacional de cópias e direitos de exibição com liberação dos direitos aduaneiros.

6.º — Que se interessem pela criação de um código ético-profissional baseado no claro conhecimento das responsabilidades dos homens de cinema, como informadores e orientadores dos povos.

7.º — Que lutem por medidas e leis que permitam o livre desenvolvimento económico e artístico do cinema brasileiro.

Panorâmica

O realizador português Manuel de Oliveira, autor do famoso documentário «Douro, Faina Fluvial» e do inesquecível «Aniki Bobo», após uma longa ausência da actividade cinematográfica, acaba de requerer às entidades superintendentes do Fundo do Cinema Nacional um subsídio de auxílio, para a feitura de um filme de que seria realizador.

Em defesa do cinema português, os críticos portugueses Eurico da Costa e Manuel de Azevedo, o primeiro no «Diário de Lisboa» e o segundo no «Norte Desportivo», continuam a publicar valiosos artigos de análise construtiva nos problemas da nossa produção de filmes.

Realizou-se no Monumental, em Lisboa, a SEMANA DO CINEMA ESPANHOL, com a apresentação de vários artistas famosos do país vizinho. Pierre Alibert, um antigo operário das fábricas Renault, apresentou no último festival de Cannes um documentário sobre a pintura cubista, onde esclarece os mistérios da arte de Picasso. Numa rápida demonstração, que dura apenas 10 minutos, Alibert mostra que um dos principais princípios do cubismo é representar na tela todas as faces de um objecto observado de diferentes pontos de visão. Trata-se de dar de seu objecto uma imagem total, que se torna dinâmica, criando movimento. Baseado neste princípio, Picasso apresenta, com frequência, rostos onde se vê, ao mesmo tempo, a cara e o perfil. Este filme de Alibert traz nos a afirmação indiscutível da colaboração que deve existir entre ambas as artes.

A fim de tratar da realização do filme francês «Os Amantes do Tejo», cujos exteriores decorrem no nosso país, esteve durante cinco dias em Lisboa, o realizador francês Henri Verneuil. Entrevistado por Jorge Pelayo, o realizador do «Fruto Proibido» declarou: «Portugal é conhecidissimo nos meios cinematográficos franceses, infelizmente, como o país onde a censura cinematográfica é mais exigente. Vocês, portugueses, têm assim, dificuldade (talvez impossibilidade) em ver algumas das obras que fazem excepção ao momento cinematográfico que vivemos. É o caso, por exemplo, de «Le Blén herbé».

Continuando a desenvolver a sua actividade cinematográfica, o Cine-Clube Estremoz prepara sessões infantis e iniciou uma secção de cinema no nosso colega «Brados do Alentejo».

Nota-se, presentemente, um despertar entre os críticos de cinema do nosso país. Depois de «O moderno cinema italiano», apareceu «O cinema e a Criança» e «Charles Chaplin — Le self-made myth», escrito em francês por José Augusto França. Quase a sair do prelo, encontram-se outros 3 livros: um de Vasco Vidal, outro de F. Aranda e ainda outro de Fernando Duarte.

Enquanto a produção de filmes de fundo está completamente paralisada, surgem dois documentários portugueses em vias de conclusão: «Episódio Pastoral» de Fernando Garcia, filmado no Marão, e «O Natal na Arte Portuguesa», de Baptista Rosa e José Ernesto de Sousa, documentário artístico que decorre inteiramente nos museus portugueses.

Vitoriano Roa

Cine-Foz

Hoje, pelas 21,30 horas, exhibe *Férias em Roma*, com Gregory Peck e Audrey Hepburn, a última descoberta do cinema, considerado o melhor filme do ano.

Para indivíduos com mais de 13 anos.

Quinta-feira, a super produção *Assim são os Fortes*, em technicolor, com Clark Gable, Ricardo Montalban, John Hodiak, Maria Elena Marques, Adalfe Menjou e J. Carrol Naish. A história amorosa de uma mulher indiana primitiva e do homem que caiu no laço!...

As mais sensacionais e violentas cenas de pancadaria apresentadas na tela. Um filme da Metro Goldwyn-Mayer.

Para indivíduos com mais de 13 anos.

RELÓGIOS?

Das melhores marcas COM GARANTIA Vendem a preços fora de toda a concorrência

RAMOS & MATEUS
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Seja Económico

Peupe muito dinheiro

PREFIRA A

TIPOGRAFIA SOCORRO
FÁBRICA DE CARIMBOS

As oficinas gráficas que se impõem pela perfeição e esmero dos seus serviços, e equipadas com as mais modernas máquinas automáticas da Indústria Gráfica.

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO
Telefone 59 Apartado 3

DESPORTISTAS!!!

LEVAI A TODA A PARTE A FAMA DO VOSSO CLUBE, USANDO CHAPÉUS COM O SEU NOME E EMBLEMA!!!



à venda nas boas chapelarias



Fábrica Condestável
S. JOÃO DA MADEIRA



DOENÇAS DA PELE

SÓ TRÊS DIAS DE TRATAMENTO COM

PRODERMA

DEPOSITÁRIOS:

Drogaria Rodrigues da Silva, L.ª

COIMBRA

ESCOLA AUTOMOBILISTA DE TAVIRA

TELEFONE 101

MANUEL TAVARES

Seu proprietário e instrutor, informa que inicia no dia 2 de Julho, a instrução para conduzir carros ligeiros e pesados todas as sextas-feiras, sábados e domingos.

Uma oportunidade para todas as senhoras e cavalheiros puderem conduzir automóveis.

Para referências e marcações:

JOÃO VASQUES

Rua Miguel Bombarda, 55 - Vila Real S. António

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

amêndoas do Algarve, atingiram em 1953 a quantia de cerca de 3.450 contos, onde as taxas, por quilo, foram:

	Direitos de exportação	Taxas para a Junta e Grémio
amêndoa em casca	\$20	\$17
amêndoa em miolo	\$60	\$40

Em 1952, existiam os seguintes amendoais ao sul do Tejo, desconhecendo-se ainda os existentes ao norte deste rio:

Algarve	19.679
Baixo Alentejo	278
Alto Alentejo	557
Ribatejo	2.538

Os 19.679 amendoais algarvios devem representar um número aproximado de proprietários, devido ao facto do Instituto Nacional de Estatística considerar uma exploração agrícola como um conjunto de várias parcelas, embora separadas, mas subordinadas a uma única casa agrícola.

Embora o maior valor por kg. ainda pertença às amêndoas algarvias, é de prever que este valor aumentaria se, à maior docura da nossa amêndoa, pudessemos aliar um produto que apresentasse maior tamanho e que fosse mais uniforme, o que se consegue através da selecção das variedades cultivadas.

Lê-se num Relatório do Fundo de Fomento de Exportação, do Ministério da Economia, Organismo a quem compete estudar os mercados consumidores dos nossos produtos e a sua concorrência internacional: «alguns importadores belgas consideram a amêndoa portuguesa, da safra de 1952, muito pequena e irregular, obrigando por vezes o industrial de pastelaria a fazer escolhas suplementares, especialmente quando se destinam a certas especialidades da indústria. Também se fizeram reparos quanto à apresentação da mercadoria, considerada em geral inferior à italiana, mostrando esta mais apuradas cuidadas da parte dos exportadores.

Em Espanha, na Itália, na região duriense e transmontana, as variedades de amendoas existentes são cerca de 8, enquanto no Algarve são conhecidas quase 80!

E não é porque estas variedades seleccionadas não sejam já conhecidas dos serviços agrónomos nacionais. No Algarve, o Posto Agrário de Tavira, que tem delegações em Loulé e Lagos e também a Junta Nacional das Frutas, já tem distribuído estas árvores seleccionadas.

Por isso, julgamos conveniente que se apele para a propaganda através da imprensa regional — que até agora, tão desligada tem estado destes assuntos económicos algarvios — para induzirem os lavradores a proceder às enxertias convenientes.

Mais: a imprensa regional devia estabelecer uma corrente de opinião pública sobre estes assuntos, reproduzindo as conclusões dos estudos já feitos pelos agrónomos.

Também os filmes culturais da Direcção Geral dos Serviços Agrícolas deviam ser passados em todas as vilas e aldeias, através dos Grémios da Lavoura e das Casas do Povo.

Justificamos esta observação, transcrevendo o que se pode ler no relatório do Plano de Fomento, apresentado pelo Ministério da Economia, e que não há muito tempo foi discutido e depois aprovado no Parlamento: «o fraco rendimento nacional português não significa outra coisa senão que se trabalha mal ou se trabalha pouco; a prova está feita de que aquele rendimento não tem relação obrigatória com as riquezas naturais dos países mas antes com a diligência e o engenho dos seus habitantes.»

Criar novos elementos de trabalho e criá-los em termos de conseguir bom rendimento, é obrigação inadiável do Estado perante a Nação que não espera apenas ver obras que lhe causem admiração, mas também produtividade que lhe assegure maior proveito».

O movimento de intensificação agrícola, agora em curso, e de que os jornais estão dando conta, é precisamente a realização do pensamento contido no Plano de Fomento.

A. de Sousa Pontes

(1) — Cf. «Descentralização e progresso técnico», do Prof. Dr. Marques Guedes, no «Diário de Notícias» do dia 9/6/1954.

DINHEIRO
S/ HIPOTECA EM QUALQUER PONTO DO PAÍS
6% Longo prazo
PRONTO SOCORRO FINANCEIRO
RUA RODRIGUES SAMPAIO, 19, 3.º-B - TEL. 46049

Noticias do Algarve

SEMANARIO REGIONALISTA

SERÁ UM ACTO DE ELEMENTAR JUSTIÇA

O RESTABELECIMENTO DA JUNTA AUTÓNOMA DO PORTO DE VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

pregado do dono de uns botes desmantelados (isto chega a fazer corar!), lembrou-se de arremeter contra nós, porque havia uma lei, muito justa aliás, que concedia certos foros ao único porto que interessa ao Sotavento do Algarve. E a lei, obtido o beneplácito das entidades que se julgavam prejudicadas pela mesma, foi revogada, sem vantagem para o dono dos botes e com prejuízo para os próprios que, levados na onda, não se opuseram à lesiva pretensão. É claro que, apesar disso, os exportadores, numa legítima defesa do seu prestígio comercial, continuaram a mandar as suas cargas, em grande parte, ao único porto que lhe oferece garantias, que não lhes rouba o sono e que não lhes proporciona dissabores bastante desagradáveis. Para conservar, porém, a sua tranquilidade, esses exportadores tiveram, no entanto, que pagar mais. Foi tudo quanto conseguiu o empregado dos botes!

Ora, a este estado de coisas, que perdura há alguns anos, com prejuízo da economia regional e naturalmente do País, tem que se pôr termo. Nem os botes velhos, nem os interesses de três ou quatro agentes de navegação podem ser considerados em face da economia do Algarve. Não queremos um ceitel do que aos outros pertence; mas

MONTE GORDO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

do apanhado no «mar de Monte Gordo». Para merecer as honras de dívida real, esse dizimo não devia ser coisa de somenos importância.

A primitiva aldeia de pescadores, fundada, principalmente, por espanhóis e franceses que ali se fixaram, foi em progresso contínuo até que, por volta de 1770, segundo escreve um cronista da época, havia para cima de 5.000 homens, que se agrupavam em extensas ruas de cabanas, desde as proximidades da barra do Guadiana até o local onde existiu a antiga Cacela, contando não menos de uma centena de barcos de arrasto. Todavia, a fundação de Vila Real de Santo António vibrou um golpe profundo no seu comércio de pescarias.

O pescador desta risonha praia, embora tenha traços comuns com os marítimos de todo o litoral algarvio, conserva características especiais. Dedicase à pesca durante todo o ano. Mesmo quando a invernia é mais rija, as suas barcas não descançam — acontecendo que, uma vez por outra, o mar cobra, traiçoeiramente, o seu tributo em vidas. Estes marítimos, de mãos calosas, tez crestada pelas canículas de Agosto e pelas nortadas rijas do inverno, de coração grande e reduzido entendimento, são trabalhadores e perseverantes.

É de esperar que, com o natural desenvolvimento da praia, estas reminiscências do passado, as cabanas primitivas, acabem por desaparecer totalmente, substituídas por habitações onde o marítimo de Monte Gordo tenha mais razoáveis condições de vida. Nem faria sentido que se conservassem esses vestígios, que nada têm de pitorescos, numa praia que se esforça por manter entre todas as praias do Algarve, o lugar a que tem jus.

parece-nos de correntia justiça que não nos levem o que é nosso. Daí a razão porque se impõe o restabelecimento da Junta Autónoma do Porto de Vila Real de Santo António. Não nos parece razoável que um dos maiores portos do País não tenha voz nos seus destinos, e seja comandado por mãos estranhas e pouco amigas.

Porquê esta tutela que nos prejudica e lesa os interesses da província que, podendo e devendo ter um porto magnificamente apetrechado, não tem verdadeiramente nada em condições, apesar dos muitos milhares de contos dispendidos pela Nação para se conseguir um bom porto?

De resto, se Viana do Castelo, Aveiro e Figueira da Foz, que, todos juntos, não chegam a registar metade do movimento de Vila Real de Santo António, têm as suas Juntas Autónomas, porque é que nós não temos a nossa? Sim, porque?

E para demonstrar quanto é iníqua esta situação, vamos transcrever do Boletim de Estatística de 1952, o último publicado, os números referentes aos portos que são sede de Junta Autónoma, comparados com o nosso:

Navios entrados	Tonelagem líquida
Viana do Castelo	166 30.016
Aveiro	60 14.771
Figueira da Foz	45 6.042
Faro-Olhão	207 9.366
Portimão	166 110.743
Vila R. S. António	275 113.249

Estes números dispensam comentários.

Que diriam os lisboetas, os portuenses ou os farenenses se as suas Câmaras Municipais fossem, respectivamente, em Sacavém, Valongo ou Santa Bárbara de Nexe? Aceitariam de bom grado esta subordinação? E' o nosso caso, caso que escorre sangue!

E porque assim é, e sem necessidade de aduzir outras razões, que seriam supérfluas em face do que já dissemos, apelamos, certos de que justiça nos será feita, para os srs. ministros das Comunicações e Obras Públicas. Não faz sentido, não é admissível, por absur-

PARA SI, SÓROR SAUDADE

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

pela suave claridade que dos seus olhos irradia e por esse ar de tranquilidade que espalha à volta e que só conseguem possuir aqueles que, alheados dos prazeres do mundo, se encontram voltados para outros diferentes e incontestavelmente melhores. E, no entanto, a minha irmã, aparentemente, não tem nada que a distinga dos nossos costumados companheiros de viagem, a não ser o hábito que veste e que parece ter usado durante toda a sua vida. Os seus próprios gestos são, na verdade, iguais a outros que já temos visto aqui ou além.

O que haverá então de vulgar na sua atitude enérgica e suave a um tempo?

Passei longas semanas até lograr descobrir o que em si tanto me prendia a atenção, que me obrigava a fixá-la com a insistência por vezes insólita daque-

CAMPANHA NACIONAL

de Educação de Adultos

CONTINUA a despertar o maior interesse no Algarve a Campanha contra o analfabetismo, em boa hora lançada pelo Governo da Nação.

Em todo o distrito, iniciou-se no dia 15 a quarta época de exames de adultos, para o qual requereram provas do 1.º e 2.º grau 1.600 adultos. Após esta época, o total de exames realizados no distrito de Faro, atinge o número de 4.600, e continuam ainda inscritos, para a época de Dezembro, perto de 4.000. Os agentes e não agentes de ensino do Distrito, com o que receberam já e vão receber agora, totaliza uma verba global aproximadamente de 650.000\$00, a qual resulta do pequeno número de 1.500 exames, pois, pelos restantes, não houve quaisquer encargos para o Estado.

Os exames prolongam-se até 25 do corrente, e dirigentes e dirigidos trabalham e empregam os melhores esforços no sentido da satisfação dos seus respectivos deveres e prestígio para a causa do ensino de adultos, por que tanto pugnam.

Toda a população do Distrito aguarda a próxima e última época de Dezembro, para apuramento dos resultados obtidos, do número que o Distrito ocupa no País e da verba total que ao mesmo foi atribuída, não esquecendo, porém, o elevado benefício da valorização obtida, pelo grande número de agentes dos diversos graus de ensino.

Espera-se com ansiedade a visita do sr. subsecretário de Estado da Educação Nacional, para complemento da obra, para cujos alicerces foi o único e primeiro obreiro. Aquele membro do Governo completará, com os vários reajustamentos a fazer, as energéticas e indispensáveis medidas tomadas em fins de 1951, quando da primeira visita ao Algarve, visto haver ainda algumas crianças sem escola, por falta de casa para instalar os lugares já criados pelo respectivo Ministério.

EXCELSIOR
As melhores tintas para navios de pesca e comércio



TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL

Depositário nesta Vila:
MANUEL DA SILVA DOMINGUES
Avenida da República
— Telefone 12 —

do, que não tenhamos voz naquilo que intimamente diz respeito aos nossos interesses!

UMA SUGESTÃO

DE INTERESSE REGIONAL

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

algarvios, secundados pela imprensa regional. Temos distintos artistas do Algarve — os pintores Lyster Franco, Samora Barros, Joaquim Rebocho, Maria Keil, Bernardo Marques, Roberto Nobre, que poderiam delinear, no seu aspecto plástico, uma obra desta natureza. O erudito Dr. Francisco Fernandes Lopes; o Dr. Mário Lyster Franco, talvez o mais autorizado bibliófilo de livros de algarvios; o Dr. Amadeu Ferreira de Almeida, espírito culto e viajado, conhecedor destes assuntos e dado a estas iniciativas; o Dr. Ivo Cruz, director do Conservatório; a Dr.ª Mariana Amélia Machado dos Santos, bibliotecária da Ajuda; e o Dr. Alberto Iria, versado em Bibliografia — são ilustres algarvios que muito poderiam auxiliar tal realização, ao menos com as suas sugestões e conselhos.

E dinheiro para tal empresa? Ocorre-me que a Junta Distrital, as Câmaras Municipais, os homens ricos do Algarve e talvez o Instituto para a Alta Cultura, possam constituir a base financeira. E suponho que não seria absurdo pedir o apoio do Estado. Se este auxilia os Desportos, também pode auxiliar iniciativas culturais que servem e prestigiam o país.

Em Portugal estes problemas culturais andam esquecidos. A não ser no Porto, a Fundação Abel Salazar e o Museu Guerra Junqueiro; em S. Miguel de Seide, a Casa de Camilo; e em Lisboa, o belo Museu João de Deus, poucas instituições destas existem. Figuras como Eça, Garrett,erculano, Oliveira Martins, Ramalho Ortigão, Teófilo Braga, não possuem o seu lar espiritual, que os recorde expressivamente. Não o tem Camões, nem Gil Vicente! Nem mesmo Fialho, embora deixasse os seus livros à Biblioteca Nacional!

Não sucede isto no estrangeiro, onde até nas pequenas cidades existe o maior culto pelos seus escritores e artistas. Tive o gosto de visitar a casa de Victor Hugo, em Paris. Em Amsterdan visitei o pequeno museu dedicado a Rembrandt. Fui diversas vezes à Casa-Museu de Goethe, em Francofort-sobre-o-Meno, que era, antes da última guerra, maravilhosa evocação do glorioso autor do «Fausto». A que mais me impressionou foi a casa onde viveu Alberto Durer, em Nuremberg. É uma casa de toso aspecto gótico, século XV, situada na rua que tem o nome do artista, tendo a porta o número 39. Não tinha moradia principesca o pintor que

PALAVRAS DE SIMPATIA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

procuram, por todas as formas, impor-se, e, ainda, de outros que conseguem, sem merecimentos pessoais ou profissionais, levar a água ao seu moínho, se conserve, pelo menos, o silêncio, por vezes mais causticante do que a palavra. Ora, a nós que, de longe, temos acompanhado a vida do interessante jornal «Notícias do Algarve», parece-nos ser este jornal merecedor de uma longa vida e da continuada protecção do simpático e laborioso povo algarvio, e de todos aqueles que se interessam pela boa Imprensa.

Daqui, de Lisboa, onde estamos de passagem, devendo regressar, em breve, às longínquas terras do Extremo-Oriente, não quisemos deixar de nos associar ao festejo do primeiro aniversário do «Notícias do Algarve», transmitindo-lhe, por esta forma, os nossos sinceros desejos de uma longa vida próspera e tranquila.

Lisboa, Junho de 1954.

J. de Carvalho e Rego

retratou os mais poderosos príncipes da Europa e deslumbrou a Itália com as suas estampas. São poucas as salas e mal iluminadas; todo o ambiente da última fase da Idade Média, vendo-se ainda móveis e utensílios que ao pintor serviram. O que se admira nesta casa são algumas cópias dos seus mais famosos desenhos, esboços originais e gravuras em cobre, diversos elementos que nos permitem examinar como trabalhava esse prodigioso desenhador, que tanto admirai nas suas obras espalhadas nos museus da Alemanha, sobretudo nas assombrosas e humaníssimas figuras dos «apóstolos», que tive a ventura de ver no museu (pinakothek) de Munique.

Albert Durer, que nasceu no século XV, considerado o maior pintor da Alemanha e um dos maiores do mundo, também era gravador, escultor e arquitecto. Sobretudo são assombrosos os seus desenhos, pelo vigor e beleza da expressão. Passam-se horas, sem darmos por isso, em frente das obras deste homem, um dos maiores artistas plásticos de todos os tempos.

Nem sempre a vida lhe decorreu à altura dos seus merecimentos. Conta-se que foi maltratado em Malines, por Margarida da Austria, e acabou os dias em Nuremberg, massacrado pela própria mulher, morrendo cheio de desgostos. Mas o seu génio, triunfante para a eternidade, compensou-o, assim, das maldades humanas.

E' agradável e útil recordar a vida e a obra dos grandes homens. Bem sei que aqueles foram figuras universais. As figuras algarvias não poderiam alcançar semelhante projecção; mas tudo é relativo. Nós devemos estimar a sua memória — pela sua obra e porque engrandeceram a nossa terra e Portugal. Alguns até pelo que sofreram... Seria agradável evocação e bom estímulo para os vindouros. Creio que tal museu em Faro podia vir a ser uma obra encantadora.

Jullão Quintinha

Mais aplausos à criação da Escola Técnica desta vila

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

sem que implique uma falta de atenção pelos interesses das restantes, parece-nos serem Vila Real de Santo António e Portimão as que requerem maior urgência, dadas as características e situação destas duas regiões. O ideal seria, no entanto, que as quatro terras algarvias vissem os seus desejos realizados, o que, para além da simples vitória bairrista, representaria uma excelente para o Algarve, que é, afinal de contas, o que mais deve interessar a todos os algarvios.»

Podíamos fazer alguns comentários à parte final desta sensata notícia, redigida, com certeza, por algarvio emancipado dos exacerbados bairrismos que tanto têm prejudicado a nossa província. Mas não vale a pena.

E, a propósito, queremos congratular-nos com a recente criação de Escolas Técnicas em Almada, Santo Tirso, Torres Novas e Gouveia. A sede deste último concelho tem pouco mais de metade da população da nossa terra.

Visado pela Comissão de Censura

CONFECÇÕES
Viresa, Lda
FÁBRICA DE CAMISAS
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO